

## ANA FERNANDES

Ana Fernandes é diplomada em Escultura pela Escola Superior de Belas Artes do Porto em 1968, tendo sido professora de Desenho e de Educação Visual até 1998. Dedicar-se ao design de jóias e de objectos, utilizando nas suas criações, materiais de todos os tipos e proveniências (pobres, nobres, preciosos e não preciosos). O desenho é geralmente muito depurado, contemporâneo e de pendor minimalista mas sempre numa abordagem estética claramente intemporal. Os seus trabalhos estão integrados em diversas coleções tanto em Portugal como no estrangeiro. Atualmente, vive e trabalha no Porto. Bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian em 1968/1969. Bolseira da Secretaria de Estado da Cultura para o estudo das tecnologias dos metais nobres em 1987/1988. Primeiro Prémio de Escultura da II Bienal de Arte da Associação Industrial Portuense Europarque - Vila da Feira, 1996. Convidada pela Fundação Júlio Resende Lugar do Desenho, para criar uma peça no âmbito da acção "A Arte e a Indústria - Ourivesaria Gondomar e Contemporaneidade em 1999. Prémio Aquisição, Câmara Municipal de Cerveira "Olhar o Passado Construir o Futuro Bienal de V. N. de Cerveira. 2015. Convidada para participar na XIX Bienal de Cerveira, 2017.

## PROGRAMA

8 jan, 16h

Inauguração de LAGARTOS, LAGARTOS de Ana Fernandes com fotografia de Renato Roque e lagartários de PAM;

Música tradicional com a gaita de foles de Abílio Topa

14 jan, 21h30

Apresentação do livro *Histórias do Lagarto* de Renato Roque por Catarina Ginja; RAP do Lagarto por Ana Deus; PAM - projeções de acetatos lagarteiros

22 jan, 21h30

Conversa *O lagarto na ecologia, na antropologia e na arte* com a artista plástica e antropóloga Angélica Lima Cruz e a bióloga Catarina Pinho

12 fev, 17h

Intervenção artística *EmTudo Revelação* de Rute Rosas



Rua de Mirafior nº 155 | 4300-334 Campanhã, Porto  
miragalerias.net | miraforum@miragalerias.net  
quarta-sábado: 15h-19h / Entrada livre!

LAGARTOS, LAGARTOS



ANA FERNANDES  
com Renato Roque e PAM

8 JAN - 12 FEV 2022

## LAGARTOS, LAGARTOS

Em rigor, desta vez, tudo começou com os lagartos da Ana Fernandes. Um ano sem as festividades do Entrudo Lagarteiro deu-nos tempo e reforçou-nos a energia.

Os lagartos são seres que nos seduzem. Mas que muitas vezes também nos amedrontam. O que não surpreende, se tivermos em conta estarmos perante seres muito anteriores à nossa pré-história que, porventura, despertam medos antigos, transmitidos pela nossa herança genética.

Animais primevos.

Estamos perante seres reais, que podemos encontrar quando cruzamos a paisagem de Vilar de Amargo, mas que nos parece não poderem existir. É certo que tínhamos já o Entrudo das Viúvas e tínhamos já a Terra dos Lagartos, mas esses bichos encantatórios, que a escultora molda com pedaços da sua e das nossas memórias, que tece e borda com restos das nossas infâncias, obrigaram-nos a viajar por novos territórios, por territórios por desbravar.

Há muito que conhecíamos o trabalho escultórico de Ana Fernandes, quer de joalharia quer na construção de novos seres, tecidos com fragmentos de recordações antigas; mas não conhecíamos estes seus lagartos, que ela apenas mostrara uma vez, na SNBA (Sociedade Nacional de Belas Artes), em Lisboa. E quando os fitámos pela primeira vez, eles hipnotizaram-nos. Tínhamos uma viagem a fazer com eles, no sentido metafórico, mas também físico.

*Os movimentos que impulsionam a artista têm a subtilidade de um lagarto.*

*Ao trabalho de Ana Fernandes associam-se coisas, objetos, seres inertes (e moventes), esculturas e demais configurações tridimensionais. A volumetria, a profundidade, espessuras insuspeitas e ilusões morfológicas regimentam definitivamente das matérias que a seduzem. Estabelecem um universo peculiar, cujas significações complicam o olhar do espetador, pois nada se reduz apenas ao que está imediato à*

*visão. Há que aceder a reinos. camadas de sedimentação metafórica, verdadeira e convincente - qualidades que a artistas manipula com mestria, em simultâneo. Estes rei-nos assemelham-se aos tecidos assertivos que se Impõem através dos tempos e obrigam o nosso olhar se retenha, decifrando origens e detetando a subtilidade crítica da intervenção desta escultora.*

*Seres lascivos, quiçá voluptuosos, porquanto decididamente inocentes perante os predadores societários: os lagartos merecem reflexão atualizada. Cada urna das peças - seja ela bidimensional ou tridimensional, por (e em] si, possui uma identidade autónoma, que transfigurou os materiais de base ou os procedimentos interventivos sobre eles; ou/e a convencional forma de os interpelar, quer as substâncias, quer o proceder de Arte. Ana Fernandes interfere no destino primeiro das coisas: escolhe-as, trata-as, cura-as e outorga-lhes densidade societária e poética, num mesmo gesto intencionalizado.*

*As subtilidades de lagartos deslizam, por encima dos tecidos, mediante os movimentos que a artista lhes impulsiona. Um pensamento Impossível de domesticar premedita o destino das suas peças. A estas subjaz a solidez de uma obra que é conceito e intuição em estado descontaminado. É uma soma de ideias e intuições criadoras que se revelam em trabalho autónomo e persistente, desafiando fronteiras e reinos premeditados.*

*(In Lagartos e Coisas Leves em Reinos Imaginários de Fátima Lambert)*

Levámos os lagartos connosco e soltámo-los no Serro. Felizes, treparam às rochas e estenderam-se ao sol.

O PAM libertou as letras num campo de papel e enlagartou-as.

No MIRA os lagartos estarão à nossa/vossa espera, para depois os levarmos para Vilar de Amargo, para a sua Terra. E com os lagartos viajam as viúvas de Ana Fernandes. Viajam à procura das viúvas que naquele território mágico, enquadrado pelos rios Côa, Águeda e Douro, velam e choram o Entrudo, que vai ser queimado, para que de novo a Primavera rompa e um novo ciclo aconteça.